

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

REFLEXÕES ACERCA DO “OUTRAR”: O CONCEITO DE EMPATIA PARA HUSSERL, SARTRE E ROGERS

Beatriz Dutra Rosa (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

Contato: biadutrar@gmail.com

Palavras-chave: Empatia. Intersubjetividade. Fenomenologia. Existencialismo. Humanismo.

Os questionamentos básicos que motivaram a realização do presente projeto de pesquisa, iniciaram na época em que realizava o ensino médio. Naquela época, uma professora, ao falar de Fernando Pessoa, citou o verbo “outrar-se”. Este verbo foi criado pelo respectivo poeta, pelo processo de neologismo. O significado deste verbo, para Pessoa, é o fazer-se outro a partir dos eu-líricos da poesia. Não obstante, mesmo não significando exatamente “empatia”, ter contato com este verbo foi um móbil para que me interessasse a refletir sobre a noção de empatia e de sua expressão como ação no mundo. Questionava-me, como ainda me questiono, quais seriam os impactos de se possuir como projeto fundamental o agir empático, e o quanto a escolha por essa ação contribuiria com a qualidade das relações humanas, haja vista, a atitude empática abrir, exponencialmente, o caminho para a escuta e o acolhimento do outro.

Sartre (2014), em “O existencialismo é um humanismo”, fala sobre o fato de escolhermos a concepção de homem ideal não somente para nós mesmos, mas igualmente para toda a humanidade. Para mim, como ser empático é fundamental, também o é poder pesquisar, estudar e, por conseguinte, me aprofundar nesse conceito.

Husserl (2017) ao teorizar sobre o desenvolvimento infantil, fala que a criança ao nascer já é imediatamente inserida em uma sociedade anterior a ela, com horizontes anteriores e, portanto, precisa que as pessoas a desperte para esse novo mundo, ou seja, a relação primordial da família deve cumprir a função de inserir a criança recém nascida a essa nova realidade extra uterina. A criança passa por um processo de experimentação do mundo e consolidação de funções básicas como, por exemplo, a linguagem ou a edificação da carne (separação da noção do corpo materno com seu próprio corpo). Neste momento de consolidação deste distanciamento, ou até todos os outros corpos que não o seu, se dá o primeiro ato de empatia – processo pelo qual para reconhecer o outro da relação é preciso

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

primeiramente se reconhecer como corpo. Na condição de a todo tempo estamos permeados por relações interpessoais e, seguindo o raciocínio de Husserl (1935), nosso “despertar” no mundo se dá pelo ato empático, por conseguinte, como se estabelece essa relação ao decorrer da vida? E, ainda mais, podemos ter uma atitude empática conosco mesmos? Em caso afirmativo, os fundamentos dessa atitude para mim seriam os mesmos para outrem?

Rosemberg (2006), autor que trabalha com a Comunicação não-violenta, fundamentando-se no humanismo de Carl Rogers, referencia a atitude empática como a ação de estarmos completamente presentes ao outro, e ouvirmos seu relato sem realizarmos avaliações, julgamentos ou interpretações decorrentes da nossa própria história de vida; e, possivelmente, conseguirmos perceber que o que sentimos, ou o que os outros sentem, está atrelado à uma necessidade que pode estar sendo atendida ou não.

Rogers (1976), por seu turno, em seu livro “Tornar-se Pessoa”, expõe que a compreensão empática é uma das condições necessárias e essenciais para a prática da psicoterapia. Acrescenta que o terapeuta deve priorizar o existir do cliente – em comparação com seu próprio ser no momento da terapia – e experienciar os relatos do cliente como se o mundo dele fosse o seu próprio mundo, mas mantendo a ciência de que não passa do “como se”. Isso é o que ele chama de compreensão empática – uma trajetória traçada entre o terapeuta e o cliente, para que esse segundo consiga se sentir confortável para se expor diante do terapeuta, tão confortável ao ponto de descobrir novas maneiras de ser na terapia. Este, por conseguinte, deve exercer um esforço para tentar, dentro de suas possibilidades, "sentir os sentimentos" relatados pelo cliente.

Utilizando como base a Psicologia fenomenológica-existencial, é preciso futuramente uma compreensão mais aprofundada de alguns percursos do pensamento humano que resulta nesses três pensadores escolhidos como base para essa pesquisa. O primeiro autor, cronologicamente organizado, é Edmund Husserl (1883-1969), conhecido como o pai da Fenomenologia, pois apresentou uma linha de raciocínio que contrapõe ao pensamento positivista, para compreender o ser humano e sua relação com o mundo.

Anterior a proposta de Husserl, era predominante o pensamento pautado nas ideias cartesianas, e, sobretudo do método científico clássico como investigação da realidade. Husserl, como aluno de Franz Brentano (1838-1917), muito se pautou nas escritas de seu professor para a constituição de sua própria teoria, dentre elas a ideia de que cada experiência, por ser subjetiva, é singular no mundo; assim como a teoria da intencionalidade da

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

consciência. Considerando a consciência como um ato do indivíduo que é voltado a alguma coisa, portanto, consciência de algo, Husserl propõe que, para compreender como o indivíduo apreende o que visa, isto é, o fenômeno, é preciso “voltar às coisas mesmas”, à vivência desse indivíduo na relação com o que visa. Dessa maneira, evita-se qualquer tipo de lei geral ou interpretação para se apreender o fenômeno.

Apesar de o termo Fenomenologia ter sido utilizado anteriormente, somente com Husserl torna-se um modo consolidado de pensamento, por isso seu nome é basilar quando falamos dessa filosofia. Este filósofo propôs o exercício da redução fenomenológica, que sugere se aproximar do conceito de empatia, e que é crucial para o humanismo rogeriano. Reduzir é suspender, dentro do possível, tudo que poderia modificar a experiência do observador diante do fenômeno que apreende, por exemplo, seus valores pessoais, crenças pré-existentes etc. Ao invés de explicar, o observador/pesquisador busca clarificar o que é percebido do mundo, ou seja, é um exercício descritivo das experiências vividas, refletindo em como essas são expressas.

Com o passar do tempo e de grandes filósofos que abordam tanto o fenômeno quanto a existência, como Kierkegaard (1813-1855), Nietzsche (1844-1900), Buber (1878-1965), Heidegger (1889-1976), Merleau-Ponty (1908-1961) e tantos outros, ampliou-se a maneira de se conceber o homem. O próximo grande passo, contudo, principalmente para o presente projeto de pesquisa, vem do existencialismo, no qual Sartre (1905-1980), para além de reafirmar que cada ser humano é singular na sua experiência, também, e principalmente, enfatiza a liberdade ontológica como condição humana e a responsabilidade como ética relacional.

A contribuição de Sartre nos presenteou com a visão de que o homem é uma totalização em curso, ou seja, um homem ativo que se escolhe/se inventa a cada ação; portanto, é livre para escolher o seu Ser; não obstante, sendo responsável pelas consequências de suas escolhas. Essa responsabilidade, portanto, muitas vezes se torna angustiante, haja vista estar diante da possibilidade de reafirmar uma escolha anterior ou de inovar, isto é, de escolher outras possibilidades que superem as realizadas anteriormente. Para esta última opção, há a necessidade de que a consciência “nadifique” o Ser em seu próprio seio; haja vista que, somente negando um Ser, que há a possibilidade de se visar um outro. É pelo movimento de afirmação e negação do Ser, que o homem se mostra livre para realizar escolhas

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

"possíveis", uma vez que ele se encontra situado em um mundo concreto que lhe impõem limites.

A concepção de Sartre (2014) sobre o homem, que não tem um Ser a priori como seu fundamento de ser, é fundamental para a fenomenologia existencialista; e é por esta concepção que Sartre assevera que “a existência precede a essência”, ou seja, fazemo-nos no mundo a partir de nossas ações – esta é a condição humana em Sartre. As ações, portanto, estão carregadas de responsabilidade, pois, como dito anteriormente, escolher uma ação reflete uma moral que assentaria valores prescritos a toda a humanidade.

Sartre (2014) menciona que, “Para obter qualquer verdade sobre mim é necessário que eu passe pelo outro” (p. 34), e isto significa que somente reconheço minha existência a partir do reconhecimento do outro sobre mim. Em princípio, este pensamento sartriano sugere-nos estar implicado com o conceito de empatia de Husserl (2017), em sua teoria do desenvolvimento infantil.

Observamos que entre Husserl, Sartre e Rogers há pensamentos que convergem no sentido de conceberem o homem como um *via-a-ser*; quanto à importância do outro para o reconhecimento de si; e, por conseguinte, a preocupação com a ética relacional – que são questões que (pelo menos podemos entender precocemente) apontam para a importância da atitude empática. À vista desta premissa, é que propomos como objetivo desta pesquisa, o aprofundamento do estudo sobre como o humanista Carl Rogers; o pai da Fenomenologia, Edmund Husserl; e o existencialista Jean-Paul Sartre entendem a atitude de “compreender o mundo a partir do olhar do outro”; quais são as convergências e divergências de seus pensamentos sobre essa atitude; bem como as contribuições deste estudo à Psicologia.

Para pesquisar a definição de tal conceito para os três, bem como para compreender e analisar suas respectivas noções de “outro” e de “intersubjetividade”, necessárias ao entendimento da atitude em foco, lançaremos mão da pesquisa teórico-conceitual. Os estudos serão embasados em obras destes três autores, que possam elucidar a compreensão do tema; igualmente serão consultadas obras de seus interlocutores que auxiliem no entendimento do pensamento desses autores.

Consideramos que os resultados encontrados nessa pesquisa poderão contribuir com estudos e práticas do psicólogo, tendo em conta que a empatia é um dos conceitos basilares dos que se preocupam com a ética na intersubjetividade humana, e essa forma de acolhimento e respeito para com o outro é uma das ferramentas básicas para a prática do psicólogo.

VIII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

29 a 30 de Novembro de 2018

Referências

HUSSERL, E. A criança. A primeira empatia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**. Tradução de Joanneliese de Lucas Freitas. Goiânia, v. 23, n. 3, p. 375-377, 2017. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357753661013>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1976.

ROSENBERG, M. B. **Comunicação Não-Violenta**: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e Profissionais. Editora Ágora, São Paulo, 2006.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada**. 15 ed. Tradução de Paulo Perdiggão. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.